

A PÉ AO ORATÓRIO – OU A CAMINHADA IMPOSSÍVEL

Clarissa Moreira

Arquiteta urbanista, professora na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense

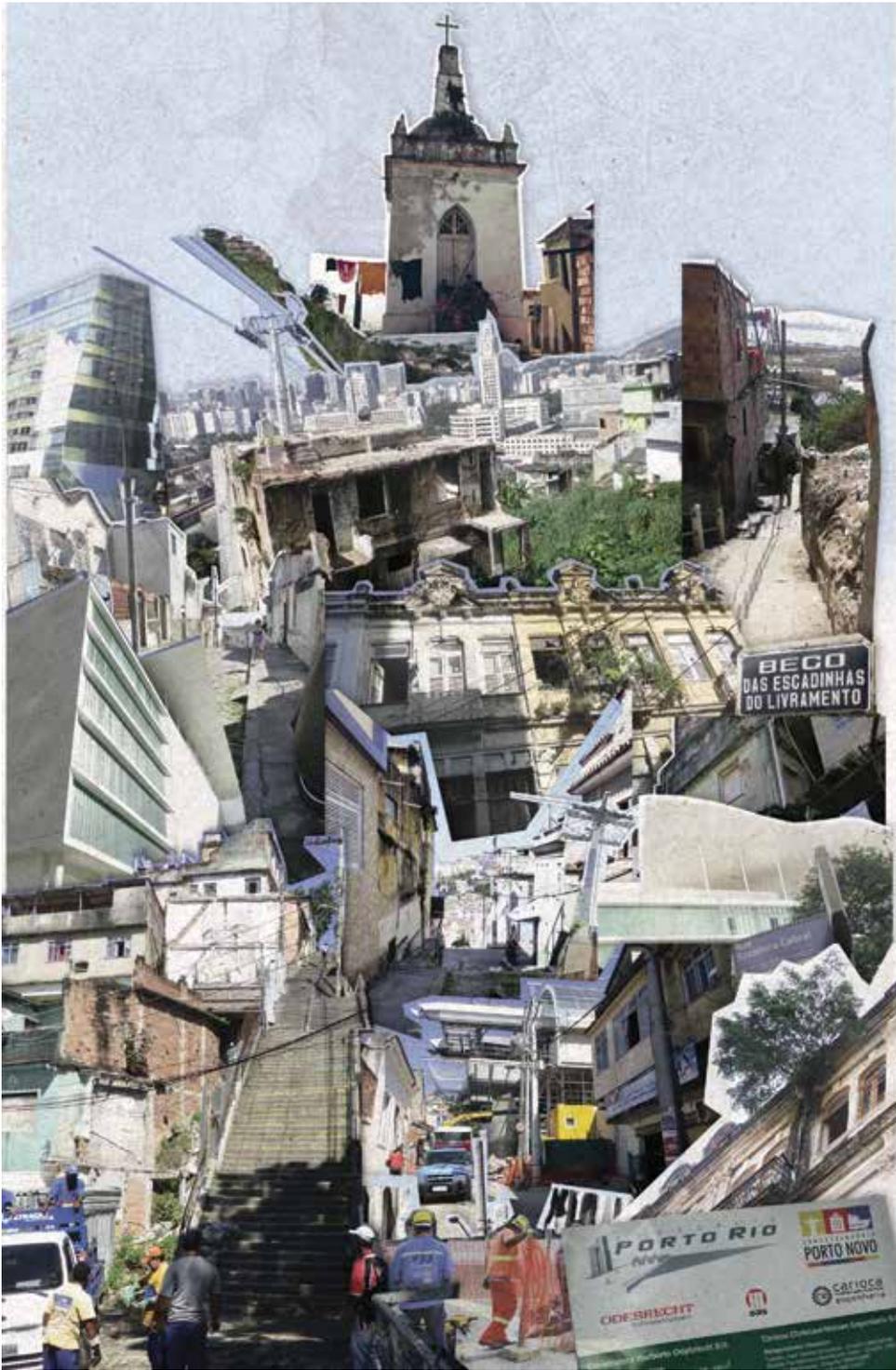
Nicolas Bautès

Geógrafo, professor na Universidade de Caen (França), UMR CNRS 6590-ESO e pesquisador visitante (Faperj) na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro

UM INÍCIO

Propomos este texto como abertura de um projeto mais amplo, ainda em formação, que busca desenvolver e cruzar narrações produzidas a partir de caminhadas na área portuária do Rio de Janeiro. Todas tomam o Morro da Providência, na Gamboa – lá onde se fundou umas das primeiras favelas da cidade, ainda no final do século XIX – como foco principal e como ponto de chegada de percursos à pé que rumam até o antigo oratório colonial, no alto do morro. No entanto, nem todas estes percursos devem (ou conseguem), necessariamente, lá chegar.

Longo caminho à pé de algum ponto ao Porto e por fim ao alto do morro, lugar de mitos e rumos marítimos e urbanos. Morro que chamaram



Criação: Amadei Machado.

Favela ou *Favela* e que depois, tornou-se Providência. O legado de ambos os nomes parece vir de outras paragens: sertão baiano, lugar de origem e de sonhos. Um morro que abrigou soldados em Canudos, o nome de uma planta épica (o faveleiro) e depois o nome de um rio, Mucuí ou Umburanas, que “*sucessos ulteriores denominariam da Providência*”, cita Euclides da Cunha em *Os Sertões*.¹

Lugar de muitas chegadas, a Providência. Lá no alto, ao redor do oratório que preexistia à ocupação, se cristalizou o paradoxo que virou cidade. Muitos tentam fragilmente resgatá-lo do mundo do esquecimento ou da ocultação. O pequeno oratório é ainda hoje cuidado pelas mãos de Dona Francisca, que mora ali do lado. Antes servia de referência de navegação.

“*Como fugir de uma cidade que não para de nos escapar?*”. A pergunta de Henri-Pierre Jeudy (2013, p. 216) ressoa aqui, neste lugar que os poderes públicos anunciam abandonado, decadente. Chamar a caminhada de «impossível» é evocar o processo instável ou paradoxal de não se poder fugir de algo que sem cessar, nos escapa. Além disso, trata da própria dificuldade senão vulnerabilidade de uma “caminhada” e mesmo do próprio caminhante, em contextos de tensões e conflitos. Resistências, lugares de afrontamentos, de rupturas e de insurgências (BERENSTEIN-JACQUES, 2012, p. 36) em referência a Foucault, marcados pela incerteza do dia de amanhã, incerteza que vive ainda hoje o povo do Morro da Providência e de todos os bairros que compõem a zona portuária – ameaças de remoções, insalubridade permanente, injustiça social estrutural. Fato é que este *pathos* trágico se confunde com a história do próprio

Porto – explorações, abandonos, castigo, lutas, chegadas e partidas, promessas não cumpridas. As caminhadas representam, assim, tentativas de criar um vínculo com este lugar e seus mistérios, dado como vazio por um poder público animado pela perspectiva de uma rápida e crescente “turistificação”. Caminhar por este lugar, percorrê-lo com passos firmes ou delicados, é uma forma de micro-resistência: ação modesta, sensível aos desafios e ameaças colocados hoje, diante do apagamento em curso de suas rugosidades- a passagem do tempo, as camadas de história- e de suas características, sejam sociais ou topográficas. Ato micro-político de resistência que convida a visitar, repensar ou, mesmo, reconsiderar as simplificativas manobras governamentais. O teleférico, sobretudo, que mais que aliviar a travessia do espaço, o «aplaina» ou oculta. O morro não é apenas um “lá em cima”, mas é encosta, subida, descida, vielas, contornos. A subida não é apenas uma, mas múltiplas, tal como as maneiras, motorizadas ou não, de acompanhá-las.

Caminhar é então uma forma de contato com um contexto urbano histórico “vivo” ou em carne-viva, em processo agudo de crise/transformação, de um modo que, acreditamos, é também capaz de um respeito devido aos caminhantes de lá. O projeto buscará explorar as narrativas destes percursos/caminhos e vislumbrar de que forma podem ampliar o modo de perceber e de interagir com estes lugares e a vida que os habita ou atravessa.

Esta interação nem sempre é pacífica. Tal como menciona Paola Berenstein-Jacques (2012, p. 49) resgatando grandes errantes (Baudelaire, Benjamin, Oiticica, entre outros), estes encontros ou colisões com a cidade suscitam “*vertigem de sen-*

tidos, (n)uma hipertrofia dos olhares, [...] estado de choque, que pode ser resumido como uma experiência da alteridade radical na cidade". (2012, p. 49)

No nosso caso, o de um encontro entre uma urbanista e um geógrafo, iniciamos inúmeras vezes o caminho, que começou no Largo São Francisco da Prainha, terra preta no mar hoje afastado. Seguiu até o Porto, terminou na Central. Nas outras, foi às portas das Nossas Senhoras: da Lapa dos Mercadores, da Conceição, da Prainha, tantos inícios possíveis. Uma vez, realmente começou numa Igreja e por fim seguiu até o porto, sempre ele, por vielas em obra por trás da Candelária, rente ao Morro de São Bento, aos Morros do Livramento, do Pinto e da Saúde, tantos altos que formam um só.

Interrompeu-se várias vezes, de caminho virou passeio, de passeio, trilha, de trilha, linha de fuga. Numa esquina, pronto a escolher uma ladeira, encontrou um parceiro recém-chegado de Canudos. Numa outra, na rua do Jogo de Bola, pensou naquela família que chegou ali e não conseguiu subir. Ali fugiu – a caminhada – por outros caminhos e morreu como sempre, num vagão do metrô. Muito em breve, poderia ter sido de teleférico, enfrentando os ares com este sentimento de sublimar o urbano.

MÚLTIPLOS COMEÇOS, CAMINHOS SINUOSOS – ALGUNS ASPECTOS DA CAMINHADA

As caminhadas podem ser quase escaladas ou trilhas, podem também ser errâncias, derivas – são visitadas por todas as modalidades e tudo depende de uma orquestração maior [aleatória?]. São experiências diretas, imersões influenciadas,

senão, determinadas, por acontecimentos casuais, hora do dia, clima, onde todo o ambiente e o que nele acontece importa e transforma a experiência. Subjetividades de todos os elementos que compõem a caminhada – ambiente, transeuntes ou outros observadores, paisagem, objetos – se misturam, numa impregnação contra a qual não tentamos lutar, não buscando separar o observador do mundo. Indeterminação de fronteiras onde a subjetividade é mesmo total.

O fato de que, de algum modo, o caminhante não esquece que é um estranho e um observador, não “artificializa” a experiência, mas age como uma interferência que impacta a própria experiência, como tudo o mais que ocorre no caminho. Impossível não lembrar desta passagem onde Deleuze e Guattari propõem que não há sujeitos de um lado e acontecimentos de outros, mas que tudo é acontecimento.

O clima, o vento, a estação, a hora não são de uma natureza diferente das coisas, dos bichos ou das pessoas que os povoam, os seguem, dormem neles ou neles acordam. E é de uma só vez que é preciso ler: o bicho-caça-às-cinco-horas. [...] Cinco horas é este bicho, este bicho é este lugar. 'O cachorro magro corre na rua, este cachorro magro é a rua.' grita Virginia Woolf.² É preciso sentir assim [...]. (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 50)

Uma leitura sensível às misturas de corpos e mundos entre caminhantes, rua, o momento do dia, outros seres e que dê conta do conjunto inseparável que formam esses elementos é algo importante – convite ao leitor de ler para além das linhas.

As caminhadas muitas vezes não podem, nem devem ocorrer, como já dissemos, não estão ao al-

cance dos passos, não são nem mesmo aceitáveis ou toleráveis. Do latim, *Impossibilis*.

No entanto, já começaram, há séculos começaram, diariamente reiniciadas, trabalho perpétuo dos andarilhos do Porto, mesmo sendo interrompidas, descontinuadas. Caminhadas acontecem todos os dias: são reiniciadas, atravessadas, impedidas, repetidas *ad infinitum* nos percursos diários certamente nunca banais.

Não são caminhos novos, insistimos em sua ancianidade. Às vezes se juntam, as vezes apenas se cruzam ou nem isso, podem se desconhecer ou desencontrar inteiramente. Mas nenhum caminho é livre de todos os outros, trilhados ou não. A caminhada é necessária, sonhada, ansiada, desejada. Ela é fuga, linha que foge dos planos de organização, perigosa, arriscada. A caminhada é perder-se, de algum modo, perder-se.

Como a antropofagia, a caminhada também nos une, é uma modalidade antropofágica em si. Mesmo imóveis, caminhamos. A caminhada é sempre de mundos através de mundos – intercomunicantes ou que nunca se tocam – alguns imperceptíveis, a grande maioria, microscópicos, minoritários. Como a senhora de cabelos brancos que disse sentada à porta de casa, acompanhando o ir e vir dos demais, em sua errância localizada: “*Moro aqui há cinquenta anos, nunca fui ao oratório. Eu até tento ir lá em cima para buscar meu neto, mas quando eu estou começando a ladeira, ele já está descendo.*”

RELATO EXPERIMENTAL

O relato é provisório, experimental, visitado por narrativas de cantos diversos e até mesmo, por orações. Escrevemos assim que voltamos da úl-

tima caminhada – ela repete, convoca, encarna todas as outras, as milhares que já fizemos nestes lugares e que datam de algumas décadas já. A que tantos outros já fizeram – *Elogio aos Errantes*. Homenagem aos ciganos e demais povos amigos da longa estrada que nos lembram que no início, eram os nômades – e muitos permanecem sendo.

O nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. (DELEUZE, 2006, p. 327-328)

ONDE A FRONTEIRA É RASGO

Havia reticência em caminhar lá pelas paragens do porto, por essas ruas, onde, até há pouco tempo atrás, tinha-se medo de se arriscar, de dia como à noite. Ruas onde a paz do visitante desavisado não tinha como não ser perturbada, ou, ao menos, atravessada por certo desconforto – fosse por medo de penetrar em lugares de algum modo “interditados” ou seja, pelo simples encontro com a alteridade, sempre desconcertante.

Um vereador progressista já havia evocado esta fronteira, tão próxima e ancorada nos séculos da velha cidade que separava astuciosamente um bairro de ternos de fino corte e cartolas, onde deambulava a alta sociedade, do duro porto onde erravam corpos desnudos e almas penadas, remissantes de uma África brasileira que ainda guarda estigmas de um passado terrível, tragicamente significativo.

Fronteira já “adocicada”, mas ainda brutal, revelada na virada do corte higienista/desbravador: a Avenida Presidente Vargas. Difícil caminhar pelo Centro como se não fosse um “dentro”, tão familiar em alguns pontos que não se consegue mais estranhá-lo. Mas sempre algo quebra esse ilusório estado de domínio do espaço. Interstícios, verdadeiros esconderijos, vielas menos luminosas, uma ou outra estranheza... Esquinas com velhas boutiques de artigos religiosos, resistindo entre tantos espaços tomados pelos veículos, e entre um e outro, refúgios do prazer efêmero onde a prostituição permanece.

Entrada estreita de hotel. Belo rosto de uma jovem aguardando num canto. Santa Rita se dissimula destes olhares, escondida parcialmente por um edifício em forma de confeito de bolo. Estrondos dos caminhões de cimento e das explosões regulares que fazem tremer, fissuram, marcando sem concessão o espaço de uma brutalidade transformadora. O MAR, museu branco, desponta mais adiante, a radicalidade da “modernidade acelerada” construída de forma já frágil e aparentemente provisória – tempo de efeitos mais que de materialidade.

Queixas de explosões, invasão crescente de homens engravatados no que era, para tantos, os confins da cidade. Lembranças de passagens nestes mesmos lugares, em outras caminhadas.

Agora, sobrados floridos, alguns decrepitos – lascivos e desabusados – sussurram num último esforço, para dizer que ainda abrigam, até os recantos da Prainha, da Pedra do Sal e de tantas ladeiras e becos, almas que foram, há tempos, de recém-chegados, atrás de esperanças ou refugiados da república: este caminho vai a seu encontro... E de

fato encontra, lá onde a água e o porto se desvelam, na virada de um bar de esquina que esconde a Escada do Livramento, homens em posição recurvada pelo peso de seus fardos, e outros que preferem ficar semidespidos, como para mostrar seu pertencimento à estes flancos de colina urbanos, chegados também, eles ou os pais, em algum grande navio vindo do nordeste.

Visadas do alto. Vistas da água. Circulação e endereços incertos.

[Estremecimento – memória gravada no corpo, estranhas familiaridades com lugares e momentos. O contrário da música que diz “Eu não sou daqui”. Pouco restará de tudo isso, nada mais será reconhecido? Mundo em desaparecimento? Um dia, mais distante, como no texto de Borges, partirá a última testemunha. Tem sido assim – de Caetano para Bethânia: Everybody knows that our cities were built to be destroyed. Logo antes

no Instituto Estadual do Ambiente, caixas empilhadas onde se lê: “a expansão urbana e a especulação imobiliária estão causando a extinção dos animais” – a cidade se expande para fora e sobre si mesma, nos dois casos, deixando sempre mundos em extinção, últimas testemunhas – da mata atlântica à cidade, sem arca de Noé...]

FRONTEIRAS GRAFADAS

Saudades eternas. Os muros que acompanham o caminho que leva até o alto do morro, estão assim grafados. Seria a entrada do vilarejo ou do cemitério. E CV, a sigla-ritornelo. O caminho do estrangeiro é repentinamente liberado à passagem, um gesto de reconhecimento é o suficiente. A moradora de uma casa rosa com linda vista, sobe: vai que eu vou junto! Convite a viagens.

O sol não queima, mas, o suor aflora. Como no tempo das festas na praça. Bailes em ritmo endiabrado, noites sem sono. A “novidade” recém-chegada ocupa orgulhosamente um espaço público de jogo com todo seu aparelhamento de monstro articulado – o imenso teleférico, ainda silencioso e inerte. Em breve, se moverá, reinando sobre a topografia, imponente e desmedido. Dispersão de fronteiras.

À mulher que achava difícil subir, se seguiu um homem, também desconhecido, que também buscava vínculos e falava de carregar engradados de cerveja escada acima. Conhecimentos, memórias, laços anteriores sempre evocados nessas curtas caminhadas acompanhadas- seria por não conceber tão facilmente a entrada de desconhecidos, o anonimato, o caráter tão mais impermanente que se tornará a cada dia, mais dominante, inevitável? Com o teleférico e o turismo, chega o anonimato e os vínculos desfeitos rapidamente. Ou seria um antigo jeito, uma velha tradição de receber o viajante como sendo de casa, já que ali é Porto? Outro tempo em ação. Tempos, lentidões, delicadezas que lá de fora não se sabe. Outro mundo, outros afetos, presentes logo ali ao dobrar uma esquina.

A CIDADE E OS MORTOS

O oratório não está perto. Subir 115 degraus de escada dos escravos, seguir a faixa de metal no chão, marcando vias por onde corre uma água turva que força o caminhante a seguir atento. Paradoxo da *flânerie*, passos sujos num chão escorregadio.

A escada dá lugar à capela: refúgio da errância, escombros, resignação do espaço público? A esqui-

na desvela casas, choque de intimidade, mundo de mulheres e crianças atarefadas. O oratório logo se revela, instalado sobre uma pedra que, como outras, teve apagada as marcas de seus antigos usos.

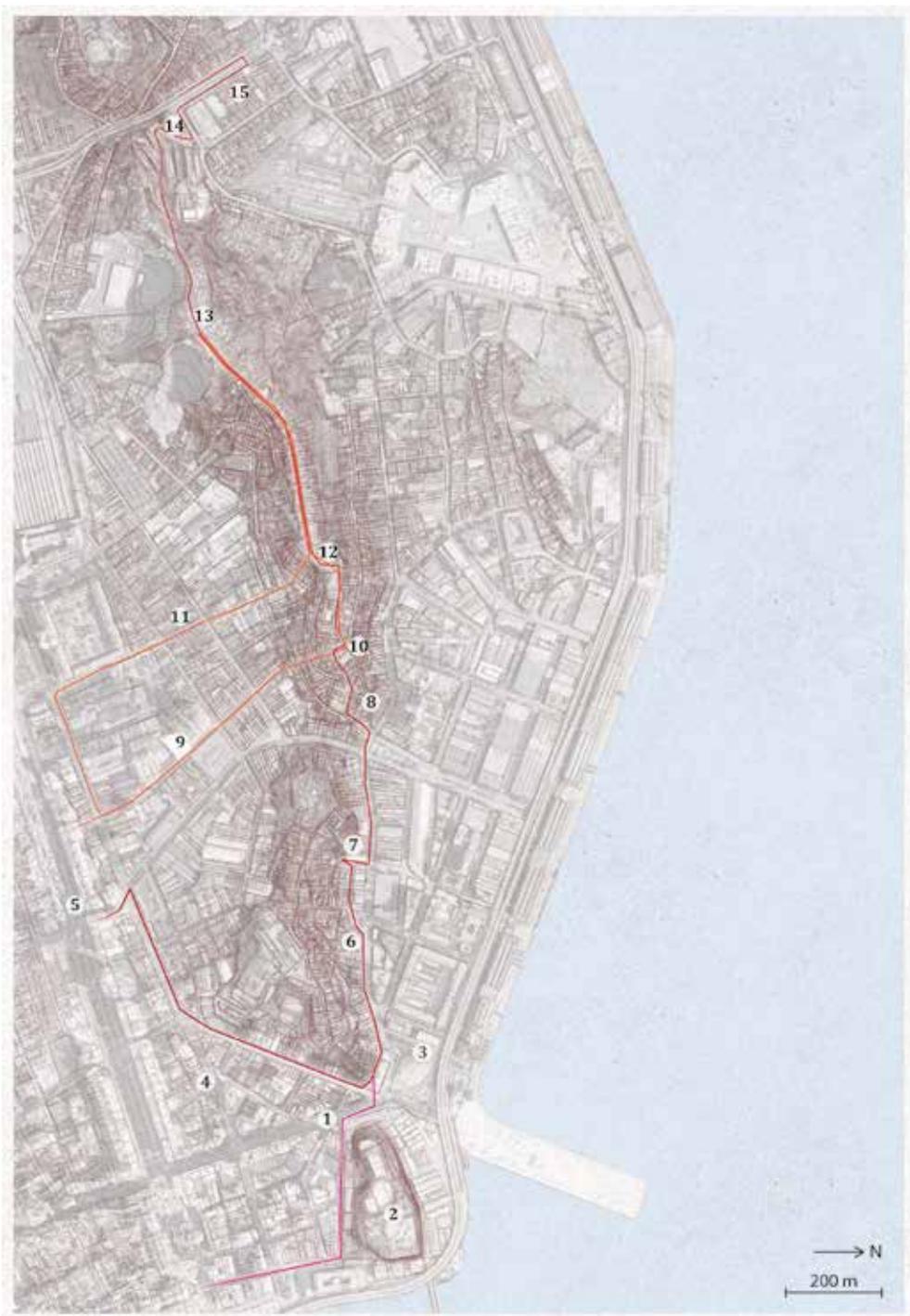
A Cruz não resistiu.

Um *deck* sobre a zona portuária: do alto, vendo o mapa... reconhecendo suas linhas e formas de um ponto privilegiado, navios ao fundo. Paisagem em desaparecimento contínuo. Conversa com o dono do bar sobre encontros passados, projetos antigos para a Providência, pessoas que vem e muitas vezes não voltam. Estrangeiros da cidade e do mundo. Sobre o cruzeiro que sumiu, não sabe retirado por quem -outros religiosos de outras tradições, a Prefeitura?

Foi aí que se evocou o poder de Deus, o cuidado ou temor ao poder de Deus. E a Deus, se seguiram os extraterrestres – assunto onde todos somos estrangeiros, e nesta estranheza, há diluição de barreiras. Vida em outros planetas? E nesse mote, a infância no Morro da Providência, hora de voltar para casa atendendo ao chamado da mãe, passando pelo oratório ou igreja cheia de assombrações, talvez gemidos de almas de escravos que ficaram errando ali, almas penadas, espíritos errantes – a grande errância. As assombrações são a prova, os rumores tem sim poder de realidade. Escravos acorrentados, cujas sombras o rapaz viu passar, perdidas ao vento da baía.

LOGO A DESCIDA

A descida também obriga ao esforço, o da discriminação. Um bebezinho de dez dias inicia nova contagem do tempo, um novo testemunho. Dali se che-



Criação: Amadei Machado.

ga a um pedaço ainda desocupado do morro, o matagal dá medo. *Buraco Quente*, como denominam este local. Policiais olham lá do alto. Desconfiança lida em olhares cruzados furtivamente, que custam a se liberar mesmo quando o caminhante busca a conversa.

A caminhada pode ser troca. Ela pode também ser ameaça, que acompanha então os passos do caminhante, visitante, ou simplesmente, daquele que toma o caminho do Morro da Favella, que se tornou Providência. Marcas, gravações, pegadas, ele notará tanto e mais, em sentidos múltiplos que podem se interpretar como alusões, injunções de resistência ou riscos, traços ainda de outras passagens ou de outros caminhos percorridos.

S.M.H. 1245. Sai do Morro Hoje. Muitos tiveram que sair, deixados de lado na vastidão do Oeste metropolitano. Outros resistiram, e daqueles que foram, muitos voltaram. Sobre os escombros da vida de outros ou de suas próprias ruínas. Mas todos os traços não figuram aí, conservados ao longo do caminho. Muitos permanecem invisíveis ou silenciosos. Vidraça quebrada do pequeno oratório de São Jorge; ele mesmo, se foi.

Bonde.

A bala come.

Saudades Eternas.

Enquanto caminho, sempre me despeço

[Lá onde declarou-se precipitadamente o fim da caminhada, encontro com um cavalo de Tróia escondido atrás de um muro, que há poucos dias havia atravessado a Presidente Vargas acompanhando mais de um milhão de manifestantes em 20 de junho de 2013.] ■

NOTAS

- 1 Segundo pesquisas sobre a origem dos nomes das favelas divulgadas no site <http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=40&sid=3>.
- 2 O livro citado é *Mrs Dalloway*, romance de Virginia Woolf que narra um dia na vida de Clarissa Dalloway, no período pós-Primeira Guerra Mundial, na Inglaterra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de; VAZ, Lilian Fessler. Sobre a origem das favelas In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR*, 4. *Anais...* Salvador. 1991. Disponível em : <<http://www.anpur.org.br/site/index.php?p=anais>>.
- BACKHEUSER, Everardo. *Habitações populares*. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. J. J. Seabra, ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1906.
- BERENSTEIN-JACQUES, Paola. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *Mil Platôs - Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras. 2006.
- JEUDY, Henri-Pierre; GALERA, Maria Cláudia. *Olhares perdidos sobre uma cidade*. Saint-Dizier. *Redobra*, Salvador, v. 4, n. 11, 2013, p. 216-217.